

CEM N.º 7

CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

CEM N.º 7

CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória» (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)/ Edições Afrontamento

Directora: Maria Cristina Almeida e Cunha

Editores do dossier temático: Inês Amorim | Luís Sousa Silva | Sara Pinto

Foto da capa: fuselog

Design gráfico: www.hldesign.pt

Composição, impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda.

Distribuição: Companhia das Artes

N.º de edição: 1756

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 321463/11

ISSN: 2182-1097-07

Periodicidade: Anual

Revista sujeita a *peer-review*.

Revista indexada em: DOAJ, Fonte Académica (EBSCO), Academic Journals Database e Google Scholar.

A edição *online* respeita os critérios do OA (*open access*) disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1349&sum=sim>

Dezembro 2016.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO, ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DE ARQUIVOS DE CIENTISTAS PARA A HISTÓRIA DO AMBIENTE – O ARQUIVO RUI SERPA PINTO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO

LILIANA RODRIGUES*
INÊS AMORIM**

Resumo: A construção de uma história ambiental da Europa (ou do mundo) é um objectivo recorrente, por se entender que evolução das relações entre a natureza e os homens ultrapassa as fronteiras nacionalistas. É nossa convicção que a monitorização destas relações, no sentido de avaliar a circulação e transferência de conhecimento, paralelismos e defasamentos, passa pelo estudo do papel desempenhado por figuras chave do mundo da ciência, reconhecendo o seu percurso, plasmado na informação que produziram ao longo do tempo. Não basta construir biografias avulsas e evocativas dos seus méritos, mas compreender, de forma sistémica, os seus percursos, entre a vida pessoal, académica e a disseminação científica. Esta visão holística só será possível com uma organização integral da informação, do percurso de um cientista, como foi o caso de Rui Serpa Pinto (1907-1933), da Universidade do Porto, organizando, de forma sistémica, o seu legado documental.

Palavras-chave: História do Ambiente; Ciência em Rede; Ciência da Informação; Rui Serpa Pinto.

Abstract: The construction of an environmental history of Europe (and of the world) is a recurring assignment to understand the nature of the relationship between nature and men, its evolution, beyond the nationalist boundaries.

We believe that monitoring these relationships, in order to assess the movement and transfer of knowledge, parallels and discrepancies, is only possible through the study of the role played by key figures in the world of science, reflected in the information produced by them throughout of time. Not just build spare and evocative biographies but understand, systemically, their paths, between personal, academic and scientific life. This holistic view is only possible with an integral organization of information, a paradigm used in this study case as was the professor Rui Serpa Pinto (1907-1933) of the University of Porto, organizing, systemically, his documental archive.

Keywords: Environmental History; Network of Science; Science of Information; Rui Serpa Pinto.

* MHP/FLUP. rodriguesliliana28@gmail.com.

** CITCEM/FLUP. inesamorimflup@gmail.com.

INTRODUÇÃO: HISTÓRIA AMBIENTAL E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

A escrita de uma História Ambiental Nacional poderá ser um ponto de partida para uma visão alargada da relação entre o homem e a natureza, mesmo que se procure e desenhe, cada vez mais, uma História Global do Ambiente. A avaliar pelas trinta e quatro entradas, correspondentes a outros tantos países, da Encyclopedia of World Environmental History, assinaladas na reflexão desenvolvida por Marco Armiero, Wilko Graf von Hardenberg e Valentin Quintus Nicolescu, em Bucareste, 2011, no âmbito da rede Nature and Nation, será mesmo pertinente olhar para a escala nação. Como escreveram:

O uso da natureza na construção da nação vale a pena ser analisada, assim como é crucial a olhar para o contrário, isto é, como o uso do discurso nacionalista e as políticas reais implementada por estados-nação moldaram a construção da natureza. (tradução nossa)¹.

Por outro lado, as perspectivas regionais (África, China – Ásia, Rússia, América Latina e a Europa) têm já sido alvo de reflexão, e torna-se oportuno lembrar um texto de Joachim Radkau sobre uma História Ambiental Europeia, que reforça a importância das instituições que geraram e perpetuaram as ideias e as acções individuais na evolução da relação do homem com a natureza². Estas concepções entroncam nas actuais tendências historiográficas, direccionadas para uma «connected history», «shared history» ou «histoire croisée». Ultrapassam as fronteiras estáticas, nacionalistas, em que o papel da História é o de estabelecer conexões continentais, intercontinentais, fazendo emergir os modos de interacção entre o local e o regional (micro) e o supra-regional, que é, por vezes, global (macro), de descentramento europeu³.

Recorde-se que quando se invoca uma abordagem ambiental entende-se o estudo dos impactos das actividades humanas nos sistemas da natureza e a resposta (entre a qual a vulnerabilidade) dos sistemas humanos frente aos primeiros⁴. Assim como o estudo das ideias, da percepção da natureza, o valor que lhe é devotado pela religião, mitos, ciência, ou como a ciência, o estudo e a concepção acerca da natureza, a ética, leis, e outras estruturas do pensamento tomaram parte, quer individual, quer colectivamente, no diálogo com a natureza⁵.

É nesta última acepção que aqui nos colocamos. Com efeito, a História da Ciência tem tido um papel de charneira na reconstituição das rotas da Natureza, das suas representações e do que dela se esperava e espera. Entre ideologia e ciência, foi-se produzindo informação que procurou compreender o mundo natural e como a ciência decidiu estudá-lo. Essa compreensão foi marcada por contextos epocais: explorar ou conservar a natureza, reconhecê-la, identificá-la, ou dominá-la, em nome do progresso defendido no

¹ ARMIERO *et al.*, 2011: 7.

² RADKAU, 2013: 213.

³ MEYRAN, 2008: 10-15; DOUKI & MINARD, 2008: 170.

⁴ NRIAGU, 1997: 1-6.

⁵ HUGHES, 2006: 7; WORSTER, 1977.

século XIX, associado à industrialização e ao colonialismo⁶? Ou ainda, a natureza e o futuro dos homens⁷.

Os Museus de História Natural, as Universidades, as Escolas e Academias Politécnicas, os Laboratórios, as Academias, apresentam-se como instituições que congregam a profissionalização e institucionalização da ciência, ocorridas ao longo do século XIX e, ao mesmo tempo, a multiplicação de actividades de divulgação científica⁸. Os «Templos da Natureza», ou o Guia das Coleções Espanholas de História Natural para Espanha, por exemplo, contabilizou mais de 900 locais em toda a Espanha, entre gabinetes, jardins botânicos, colecções, gabinetes de curiosidade e espaços de investigação, divulgação e fruição⁹.

Estes centros só existiram porque homens lhes deram corpo. E esses homens têm imensos perfis. Os colectores ou coleccionadores, os que reuniam os exemplares que constituem as colecções que nos chegaram, não eram de uma só categoria. Como já alguém escreveu, é importante não confiar apenas em evidências de catálogos de museus e etiquetas de amostras ao interpretar o papel dos supostos colectores e da natureza das colecções. Precisamos também de algum conhecimento da sua biografia e percursos¹⁰. Assim, uma questão de fundo deverá ser colocada, acerca da recepção e apropriação do conhecimento científico transnacional e como pode ser afectado pelos processos de difusão e adaptação. A rota, ou roteiros dos cientistas é um filão a explorar¹¹. Existirão, hipoteticamente, diferentes níveis de integração, sejam individuais, nacionais e internacionais, com diferentes modos de funcionamento, por dependerem, muito provavelmente, de factores políticos, ideológicos ou económicos, que podem alterar a ideia de homogeneização de modelos únicos no contexto de um sistema global. Acrescentaremos os factores pessoais e familiares, por vezes ignorados. Os conceitos de periferia, centro, transferência, estão presentes, e o surgimento dos laboratórios como modelos centrais a imitar, adaptar ou recriar, a escalas internacionais, apresentam variáveis que necessitam uma avaliação¹².

Esta inquietação terá resposta, certamente, em estudos que permitam entender as conexões entre cientistas, instituições académicas, museus de história natural e laboratórios, numa reconstituição sistémica dos conceitos, do objecto de investigação e da dinâmica do desenvolvimento científico a partir de textos e práticas¹³.

Por isso, acreditamos que a organização dos arquivos pessoais de homens da ciência, integrados ou não nestes conjuntos (museus, universidades, e outros) é a melhor maneira de entender as conexões nacionais e internacionais, as redes de influência, convivência, disseminação, contaminação acerca da natureza e da evolução da ciência. Este modelo orgânico supera, em nosso entender, a abordagem tradicional baseada numa história

6 BOWLER, 1992: 147-150; 308-309.

7 ROBIN *et al.*, 2013: 14.

8 DELICADO, 2006: 53.

9 GONZÁLEZ BUENO & BARATAS DÍAZ, 2013: 137-422.

10 LUCAS & LUCAS, 2014: 63-74.

11 SERRA & MAIA, 2006: 257-265.

12 REDE DE INVESTIGAÇÃO STEP <<http://147.156.155.104/>>; NUNES & GONÇALVES, 2001.

13 KOKOWSKI, 2010: 28.

biográfica, institucional, ou mesmo de estrito estudo das coleções, descontextualizadas, e propõe uma reconstituição das redes de interacção científica e cultural.

No presente estudo de caso, o do legado documental do Engenheiro Rui Serpa Pinto discente, docente e investigador da Universidade do Porto, corresponde a um arquivo pessoal ou sistema de informação pessoal, com documentação produzida, adquirida e coligida por uma única pessoa ou ser humano. Contudo, se o ser humano é um ser social, logo é muito difícil existirem sistemas de informação pessoais, eles são, normalmente, uma mistura entre um sistema de informação pessoal e um sistema de informação familiar¹⁴.

A abordagem sistémica, que aqui se pretende fazer, é a mais adequada em termos teóricos, assim como em termos práticos, uma vez que um arquivo, segundo o modelo sistémico, é um

sistema (semi-) fechado de informação social, materializada em qualquer tipo de suporte (papel, fotografia, filme, fita, e outros), configurado por dois factores essenciais, a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso), a que se associa um terceiro, a memória, imbricada nos anteriores¹⁵.

Assim sendo, o arquivo caracteriza-se pela sua organicidade, ou seja, por reflectir a estrutura, funções e actividades da entidade produtora/acumuladora, como resultado das suas relações internas e externas – neste caso de Rui Serpa Pinto, um homem da ciência¹⁶. Não se trata de um arquivo reduzido à dimensão de coleção mas sim como resultado de um processo geracional, dinâmico.

O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL, AS COLECÇÕES E O MUSEU DE ANTROPOLOGIA

O designativo Museu não é de hoje, remonta, aliás, a conceitos que se enraízam no tempo. Áreas da Naturalia, Scientifica e Artificialia que se inscrevem na lógica dos gabinetes de Mirabilia e curiosidades anteriores, cultivam a ideia de coleccionar raridades, porque fora do tempo e do espaço, com objectivos pedagógicos, de investigação e de divulgação. Estavam ao serviço do conceito de produção e mediação do conhecimento do século XIX, mas que remontam a tempos bem recuados¹⁷. A espectacularidade é a dimensão menos tomada em consideração, mas estava subjacente, sempre que a academia abria as suas portas, tanto mais que recriava ambientes naturais, fora do quotidiano. Esta noção, de que nas universidades se poderiam repetir pequenos microcosmos da própria e de outras culturas, explica por que razão os museus universitários contribuíam para a criação de uma consciência social ao estimularem a curiosidade intelectual. Na sua matriz estão, portanto, os percursos pedagógicos, científicos e culturais das universidades, na longa

¹⁴ SILVA, 2004: 77.

¹⁵ RIBEIRO *et al.*, 2001: 28.

¹⁶ NÓVOA & ROSA, 2014: 18.

¹⁷ BRIGOLA, 2003; NUNES & CUNHA, 2005; GONZÁLEZ BUENO & BARATAS DÍAZ, 2013.

duração. Eram espaços simultaneamente de reflexão, de experimentação laboratorial, mas também de arquivo.

A Universidade do Porto, enquanto herdeira de entidades científicas e culturais que remontam ao século XVIII, concentra, nos seus diversos espaços museológicos, os testemunhos da ligação frutuosa entre arte e investigação, entre colecionismo e ensino, entre introspecção pessoal e reconhecimento do mundo. Só o estudo sistemático permitirá o reconhecimento de processos de circulação da ciência em torno de homens, objetos e percursos, acumuladores de uma história geológica, genética, irrepetível, sublinhe-se, porque correspondem à evolução da humanidade no seu todo. Só uma avaliação sistémica de um espólio desagregado (materiais de Zoologia, Mineralogia, Botânica, Antropologia, e outros) permitirá dar sentido a um universo riquíssimo, que alguns estudos, mais recentes, acerca da circulação de conhecimento, internacionalização e o papel dos congressos para a internacionalização da ciência em Portugal, têm procurado relevar¹⁸.

O método que aqui se releva, o tratamento sistémico da informação em torno de uma personagem, permitirá a ligação a outros mundos, que não apenas o académico, será um meio de articulação de pessoas de todos os lugares, pois permitirá encontrar novas formas de inquirir a realidade em transformação, numa dinâmica que, a partir do personagem Serpa Pinto, permitirá redescobrir a(s) rede(s) de comunicação pessoal e científica.

Para tal, propomos uma posição mais epistemológica do que uma perspectiva técnica, ou seja, a valorização da informação como um processo humano e social, a própria historicidade (produção orgânica-contextual) do seu património e riqueza cultural, em vez de se aplicarem regras neutras de classificação e inventariação de colecções descontextualizadas. Daí tratar-se de um trabalho interdisciplinar, entre a história, património/legado (neste caso documental) e a organização sistémica da informação, entre a pesquisa científica e uma cultura científica, útil à história das ciências e das humanidades, porque sacia o conhecimento e contribui para o lazer cultural, entre o tradicional gabinete de maravilhas e a maravilha da ciência, espelhada nos mais recentes museus da ciência.

O Museu de História Natural da Universidade do Porto encaixa nesta visão global. Foi apenas fundado em 1996 e nele se integrariam o Núcleo de Arqueologia e Antropologia Mendes Corrêa, Núcleo de Mineralogia Montenegro de Andrade, Núcleo de Paleontologia Wenceslau de Lima, Núcleo de Zoologia Augusto Nobre, Jardim Botânico e Herbário do Porto¹⁹. A ideia da criação de um Museu de História Natural remonta a 1963, quando o Doutor J. R. dos Santos Júnior escreveu acerca da necessidade de criar no Porto um grande Museu de História Natural²⁰.

Entre os seus núcleos, o de Arqueologia e Antropologia Mendes Correia, fundado em 1912, quando a Antropologia começou a ser leccionada na Faculdade de Ciências do Porto, foi sendo enriquecido com o espólio das campanhas de escavações dirigidas por

¹⁸ ROLLO *et al.*, 2014.

¹⁹ Regulamento do Museu de História Natural da Universidade do Porto (2011).

²⁰ Professor de Antropologia e Director do Museu do Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia. SANTOS JUNIOR, 1963: 20-21.

Mendes Correia e pelos seus investigadores, entre os quais Rui Serpa Pinto, nosso objecto de estudo. O espaço museológico que ocupa corresponde, efectivamente, àquele em que Mendes Correia²¹, que privou e trabalhou com Serpa Pinto, começou a instalar, a partir de 1935, a então denominada «Sala de Antropologia Geral e Metropolitana». Ainda em 1935, Mendes Correia iniciou a montagem de outro museu, concluído cinco anos mais tarde, a que chamou de «Sala de Antropologia Colonial», denominação posteriormente alterada para «Museu do Ultramar»²². Actualmente, encontra-se encerrada ao público a exposição permanente, constituída essencialmente por espólio arqueológico e organizada de uma forma cronológica, que permite aos visitantes conhecerem peças que vão desde a Pré-história até à Romanização. Em reserva, não visitável, existem colecções de arqueologia, antropologia e de etnografia portuguesas, coloniais e estrangeiras, de numismática e um considerável espólio fotográfico e documental²³. É neste espaço que se encontra o núcleo documental que nos servirá de estudo de caso.

ESTUDO ORGÂNICO DO LEGADO DOCUMENTAL DE RUI SERPA PINTO: O HOMEM E A SUA FAMÍLIA

Os agentes envolvidos no processo de produção da informação contida no acervo de informação Serpa Pinto tiveram que ser identificados. Nomes que se repetem, associações que se desconhecem e que deveriam ser conectadas. As tarefas realizadas conduziram-nos a um processo reconstitutivo da biografia dos personagens, uma aproximação às suas vidas. Esta fase é fulcral para “colocar” a informação correspondente às sucessivas gerações.

O “Arquivo” do Engenheiro Rui Serpa Pinto, discente, docente e investigador da Universidade do Porto, foi doado em 1960 pela sua esposa Maria Alice de Serpa Pinto à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Encontra-se à guarda do Museu de História Natural, localizado na Reitoria da Universidade do Porto, ocupando um armário expressamente desenhado para o efeito, que a sua esposa, procurando dar-lhe uma identidade, encimou, com o seu nome, em memória do ente querido (foto 1 – Serpa Pinto e 2 – Armário). Durante o processo de esvaziamento do armário, surgiu uma Lista de Inventário manuscrita realizada, possivelmente, aquando da doação levada a cabo por D. Maria Alice Serpa Pinto, esposa do Doutor Rui Serpa Pinto, em 1960, embora, não existam provas suficientes para sustentar tal afirmação. Contudo, esta Lista de Inventário é apenas relativa aos Livros, Folhetos e Separatas e Periódicos, não se encontrando nela

²¹ António Augusto Esteves Mendes Correia, primeiro professor de Antropologia, foi o primeiro Director do então Museu e Laboratório Antropológico. Nasceu no Porto (1888-1960) e em 1911 concluiu o curso de Medicina. Foi um dos fundadores, em 1918, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que viria a presidir. Em 1922 doutorou-se em Ciências Histórico-Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sendo reconduzido como professor ordinário do subgrupo de Antropologia que mais tarde, tomou posse como professor catedrático. A 2 de Dezembro de 1925 obteve o grau de Doutor em Letras – Ciências Geográficas. Em 1928, foi escolhido pela Universidade do Porto como depositário do acervo do Museu Antropológico e do Museu de Arqueologia Histórica. In ANTIGOS ESTUDANTES ILUSTRES DA UNIVERSIDADE DO PORTO.

²² EDIFÍCIO DA REITORIA – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL.

²³ CUNHA, 2012.

incluída a Correspondência, as Fotografias ou Desenhos existentes. A mesma não foi realizada por Rui Serpa Pinto, uma vez que, através da comparação das caligrafias presentes na Lista de Inventário e nas notas realizadas por ele próprio, ao longo da correspondência analisada, não se verificaram coincidências. A grafia do Doutor Rui Serpa Pinto é repetida em cartas que envia, comparáveis a algumas notas escritas pelo seu punho, na própria carta ou no envelope recebido, assinalando datas de recepção de cartas, facilmente comprováveis ao se compulsar e ler o conteúdo das cartas, assim como vários rascunhos das respostas que terá enviado. Foi sobre estas cartas que se desenvolveu um trabalho de estágio no âmbito do Mestrado em História e Património, ramo de especialização Arquivos Históricos, no ano de 2014 a 2015²⁴, que levou à organização do legado documental.

Rui Serpa Pinto nasceu no Porto mais precisamente na freguesia de Santo Ildefonso, a 6 de Agosto de 1907. Desde muito cedo mostrou ser dotado de uma grande inteligência, acabando o Curso Liceal no Liceu Alexandre Herculano com altas classificações e ingressou em 1923, com apenas 16 anos²⁵, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto para estudar Matemática, obtendo, em 1927, a sua licenciatura²⁶. Logo de seguida tomou a decisão de cursar Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e, em 1930, concluiu o mesmo. Ainda durante o mesmo ano, depois do concurso documental, foi nomeado Assistente do Grupo de Ciências Geológicas da Faculdade de Ciências, grupo no qual já prestava colaboração²⁷. Estudou a cadeira de Antropologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e a partir de 1924 foi colaborador dedicado do Instituto de Antropologia, principalmente da secção de arqueologia²⁸. Realizou a sua primeira descoberta científica identificando as indústrias líticas de tipo asturiense, na região de Vila Praia de Âncora, em 1925²⁹.

Quando atentamos no Arquivo Pessoal de Rui Serpa Pinto vimos que os seus interesses e atividades eram bastos: Pré-História, Proto-História, Arqueologia, Numismática, Paleontologia, Mineralogia, Geologia e a Epigrafia. Colaborou ativamente com diversos cientistas para o conhecimento da geologia e arqueologia em diversos locais. Morreu no Porto a 23 de Março de 1933 com apenas 25 anos de idade, vítima de septicémia tifoide.

É através de Mendes Correia, antropólogo e Diretor do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade do Porto³⁰, que Rui Correa de Serpa Pinto inicia a sua participação nos circuitos científicos portugueses e europeus, colaborando intimamente com aquele, que viu em Rui Serpa Pinto as capacidades necessárias para se tornar uma figura marcante.

Como arqueólogo e geólogo, Rui Serpa Pinto, participa em permutas de exemplares de peças arqueológicas e geológicas, quer com arqueólogos e geólogos portugueses, quer

24 RODRIGUES, 2015.

25 AUP – *Livro de Registos das inscrições e exames na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*.

26 GONÇALVES, 1983: 9.

27 GONÇALVES, 1983: 10.

28 *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 1933: 130.

29 GONÇALVES, 1983: 10.

30 MARTINS, 2011.

com europeus. Como exemplo, veja-se o pedido feito por Eugénio Jalhay a Rui Serpa Pinto de exemplares Asturienses de Âncora, para poder comparar com os de La Guardia³¹.

Estas amizades não se mantinham apenas pela área da arqueologia. É de destacar as relações com Antoine Lacroix, geólogo e mineralogista francês, que muito ajudou Rui Serpa Pinto no estudo do meteorito de Chaves, através do envio de amostras deste mesmo meteorito para que o mesmo procedesse à realização de análises. Posteriormente, ser-lhe-iam enviadas as microfotografias, realizadas após análise microscópica³². Em cartas trocadas entre si, estabelece-se entretajuda, uma vez que, em carta de 29 de Abril de 1932, Antoine Lacroix agradece a amostra do meteorito recebida, atribuindo-a ao grupo eucrite-howardite, indica a monografia que escreveu em 1926 e referencia os trabalhos na revista Archives du Musé, solicitando um segundo fragmento para fazer testes e manda, por correio, diversos tipos de meteoritos como agradecimento pelos exemplares de rochas enviados por Rui Serpa Pinto, em carta anterior, de 25 de Abril de 1932³³.

Também a participação em Congressos permitia o reconhecimento, socialização e aproximação de cientistas de diversos países o que conduzia ao refinamento e à troca de conhecimentos. A título de exemplo, a carta de 5 de Janeiro de 1932³⁴ enviada por Isidro Parga Pondal, geólogo espanhol, refere que, através de Bouza-Brey, que conheceu Rui Serpa Pinto durante um Congresso em Barcelona por intermédio do Doutor Mendes Correia, ficou muito interessado em saber o trabalho que se realizava em Portugal sobre petrografia e mineralogia. Após este primeiro contacto Rui Serpa Pinto convida-o a participar no estudo do meteorito de Chaves, juntamente com Antoine Lacroix, a fim de realizarem um artigo em conjunto, convite aceite, como confirma a carta de 10 de Abril de 1932³⁵.

Rui Serpa Pinto deu uma grande contribuição para o enriquecimento das coleções da Universidade de Porto, o que se prova através da correspondência recebida de diversos professores e funcionários da mesma universidade, elementos valiosos para a compreensão da constituição das coleções do Núcleo de Arqueologia e Antropologia Mendes Corrêa, do Museu de História Natural da Universidade do Porto. Veja-se, a título de exemplo, o pedido de troca de peças paleontológicas e pré-históricas feitas por Alfred Bastin de 21 de Junho de 1931³⁶. Constata-se igualmente, pela documentação em análise, a contribuição de Rui Serpa Pinto para o espólio de museus na Europa. Veja-se, como

31 RODRIGUES, 2015: Anexos, s/pf. Documento simples 03/53 – [CARTA DE EUGÉNIO JALHAY PARA RUI SERPA PINTO].

32 ARSP – *Cartas de Antoine Lacroix para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSPSC03-SSC03.02-SSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/22; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/23; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/27; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/28; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/23.

33 ARSP – *Cartas de Rui Serpa Pinto para Antoine Lacroix*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–fr01/09/31.

34 ARSP – *Cartas de Isidro Parga Pondal para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–esp03/14/46.

35 ARSP – *Cartas de Isidro Parga Pondal para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)–esp03/14/47.

36 ARSP – *Carta de Alfred Bastin para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSPSC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)–fr01/03/456.

exemplo, a carta do Conde de la Vega del Sella, enviada a Rui Serpa Pinto a 28 de Março de 1928, acusando a recepção dos picos asturienses de Âncora e informando que os mesmos tinham sido colocados em vitrinas no Museu de Ciências Naturais de Madrid³⁷.

No entanto, fora da Península Ibérica também encontramos alguns nomes que interessa destacar por serem de referência mundial, como é o caso de Stuart Piggott, arqueólogo inglês ou Reid Moir, geólogo inglês. Na carta de 17 de Outubro de 1930, Reid Moir pede, em nome de Burkitt, de Cambridge, para o Museu de História Natural, Etnologia e Arqueologia de Ipswich, exemplares de picos asturienses comprometendo-se, em troca, a enviar exemplares *coup de poings* de Ipswich³⁸. Ao que Rui Serpa Pinto, em resposta, envia 7 picos do asturiense recolhidos na estação de Âncora³⁹.

Estão representados neste acervo a generalidade dos autores de arqueologia pré-histórica em atividade na época. Em Portugal podemos referir nomes como Manuel Heleno, Afonso Paço, Abel Viana, Mário Cardoso, entre outros. Em Espanha, temos Florentino Alonso-Cuevillas, António Beltrán Martínez, Pedro Bosch Gimpera e Blas Taracena. Em França, Eugène Albertini, René Cagnat e Alfred Merlin. Em Inglaterra, Stuart Piggott, Reid Moir e Burkitt. Na Alemanha podemos destacar A. Schulten e Hugo Obermaier.

Rui de Serpa Pinto tinha particular interesse pela área da Sismologia e Geofísica, dada a sua formação. Daí ter colaborado na Revista de Sismologia e Geofísica «A Terra»⁴⁰, fundada por Raul de Miranda. Este considerava-o um apoio, o que fica patente, na correspondência trocada, e o quanto levava em consideração não só a sua opinião, como o seu trabalho, pelo pedido de trabalhos para a própria revista e os repetidos comentários que tecia aos trabalhos enviados por Rui de Serpa Pinto⁴¹.

Ao nível das instituições podemos evidenciar quatro conjuntos: portuguesas, espanholas, francesas e inglesas. No caso de Portugal, é evidente o trabalho de intensa pesquisa efetuado por Rui de Serpa Pinto, estando presentes séries de correspondência com os principais museus nacionais. Encontram-se presente neste acervo muitas das importantes instituições portuguesas com atividade arqueológica e geológica como universidades, sociedades científicas e associações. São de destacar a Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Instituto Geográfico e Cadastral, a Sociedade Portuguesa d'Antropologia e Etnologia e a Sociedade Portuguesa de Estudos Musicológicos, Científicos e Artísticos.

³⁷ ARSP – *Carta do Conde de la Vega del Sella para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)-esp03/16/559.

³⁸ ARS – *Carta de Reid Moir para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)-ing02/04/482.

³⁹ ARS – *Carta de Rui Serpa Pinto para Reid Moir*. Código de Referência: PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)-ing02/04/489.

⁴⁰ *Raul Fernandes Ramalho de Miranda*. A revista de Geofísica «A Terra» foi fundada por Raul Miranda. O lançamento da Revista deu-se em Coimbra em Julho de 1931. <http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/MIRANDA_raulfernandes-ramalhode> [consultado a 1/11/2015].

⁴¹ ARSP – *Cartas de Raul Miranda para Rui Serpa Pinto*. Códigos de Referência: PT/FCUPMHN/ARSPSC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/15; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/16; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/17; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/19; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/20; PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/21.

Já a correspondência com instituições de outras nacionalidades comprova a notoriedade de Rui Corrêa de Serpa Pinto a nível internacional, pelas cartas trocadas com membros do corpo docente de Universidades como a Universidade de Cambridge ou museus, como é o caso do *British Museum*, *Victoria & Albert Museum*, *Geological Survey and Museum*, *National Museum of Wales Cardiff*, *Ashmolean Museum* ou *Museo Prehistórico de Santander*. Muitas cartas relatam assuntos relacionados com o intercâmbio de publicações, algumas vezes derivadas da dificuldade de obter as mesmas em Portugal, e pedido de informações sobre algumas peças.

O nosso biografado fazia parte de diversas sociedades científicas internacionais, como Seminário de Estudos Galegos (SEG), *Institut International d'Anthropologie* de Paris, Sociedade Francesa de Mineralogia, Sociedade Pré-Histórica Francesa, Sociedade dos Antiquários de Londres e da *Société Belge d'études et d'expansion*. A colaboração incansável prestada por Rui Serpa Pinto é reconhecida em manifestações de agradecimento manuscritas, pelos seus correspondentes.

A APLICAÇÃO DO MODELO SISTÊMICO – INFORMAÇÃO PESSOAL É FAMILIAR DE RUI SERPA PINTO

O Arquivo Serpa Pinto é um Sistema de Informação híbrido, ou seja, é um Sistema de Informação Pessoal e Familiar, com especial incidência para a primeira característica. Os Sistemas de Informação Familiar (SIF) baseiam-se «num contrato bio-social de pessoas que se aliam e reproduzem»⁴². Daí ser importante a divisão geracional, mas tendo sempre em conta a trajetória dos indivíduos, ou seja, trata o sistema de informação familiar como unidade familiar que é, mas nunca esquecendo que essa unidade é constituída por indivíduos únicos, com percursos de vida e funções que podem diferir um dos outros. Ou seja, é na sucessão geracional que encontramos a organicidade de uma família.

Para a elaboração do Quadro Orgânico-Funcional do legado Rui Serpa Pinto foi necessário efectuar um levantamento da genealogia existente da família, algo complexo devido à falta de informação. A recolha de informação em torno da história da família, dos vários acontecimentos que marcaram a mesma e, principalmente, do percurso de Rui Corrêa de Serpa Pinto nas suas diferentes facetas. Mas o que agora parece basicamente simples exigiu a consulta da informação múltipla, em parte obtida na própria correspondência, sobretudo os locais onde viveu, ao longo do tempo. O resultado deste quadro, em termos orgânicos e estruturais, retrata o casamento entre os membros da família, as ligações que são estabelecidas ao longo das várias gerações que a compõem, através da sua descendência.

Façamos uma breve explicação da lógica de elaboração de quadros orgânico-funcionais para arquivos pessoais e de família, seguindo o modelo em apreço, proposto por Armando Malheiro da Silva para os Sistemas de Informação Familiar, que visa tornar evidente a complexidade do contexto de produção da informação pela entidade família,

⁴² SILVA, 2004: 71.

representando, através de um Quadro Orgânico-Funcional, com o máximo de rigor, as acções que conduzem à produção da informação (*vide* Anexo 1).

Fundamentalmente, o que se pretende é recuperar a estrutura/organicidade da família, através da sucessão das suas gerações, bem como através da identificação dos membros constituintes de cada uma delas, e depois destes subseccionamentos poderá fazer-se a distribuição das séries documentais, documentos simples e/ou compostos por elas, através da divisão pelos «estádios de desenvolvimento (ciclos de vida) e/ou fases de atividade (exige uma boa reconstituição histórico-biográfica)»⁴³. As fases orgânicas associadas ao ser humano correspondem à infância (0 aos 9/10 anos), adolescência (10 aos 16 anos), juventude (16 aos 23/25) e na adultez/velhice (23/25 anos em diante). No entanto, estas fases servem apenas para a organização da documentação. A definição destas fases, nem mesmo a idade por elas definida, é uma regra, uma vez que estas se encontram dependentes de uma série de circunstâncias inerentes ao próprio indivíduo, tais como as suas capacidades cognitivas e físicas, até ao contexto social e familiar⁴⁴. No caso presente, como se viu, pelo rasto biográfico atrás apresentado, Rui Serpa Pinto era um jovem prodígio, produtor da informação vastíssima e multifacetada.

Seguindo o modelo apresentado por Armando Malheiro da Silva, num primeiro nível orgânico as secções são determinadas pelas gerações, no segundo nível encontram-se as pessoas nascidas em cada geração que identificam as subsecções. Assim, no primeiro nível orgânico, as gerações determinaram as secções, ou seja, a secção destinada a cada geração. E neste caso temos a Secção 01 (Araújo de Serpa Pinto), Secção 02 (Pinheiro de Serpa Pinto) e a Secção 03 (Corrêa de Serpa Pinto), onde a geração é designada pelo nome de família dos produtores.

As subsecções são reservadas à inserção do casal e de cada um dos produtores. No entanto, a primeira subsecção é destinada ao casal. As subsecções seguintes, destinadas a cada um dos indivíduos do casal, podem incluir os dois ou apenas um dos conjugues, uma vez que o surgimento destas subsecções está dependente do facto dos indivíduos serem ou não produtores de documentos. Dentro de cada Subsecção existe a possibilidade de serem colocados diretamente os documentos, compostos ou simples, ou organizados em Séries. Dado que no presente caso a documentação associada a cada pessoa são escassos os exemplos de Séries.

Dentro da subsecção indivíduo existem subsubsecções que são as fases de vida do indivíduo, ou seja, infância, adolescência/juventude e adultez/velhice. Os documentos são pendurados na subsecção correspondente ou, em alternativa, pode optar-se pela constituição de séries/subséries. Ou seja, toda a informação do indivíduo é colocada na fase de vida, ou no segmento etário que a mesma foi produzida ou adquirida pelo mesmo, daí, ser importante o uso do Quadro orgânico-funcional para a contextualização da informação⁴⁵. Em paralelo com as fases evolutivas, é possível colocar dentro destas

⁴³ SILVA, 1997: 91.

⁴⁴ SILVA, 2004: 78.

⁴⁵ SILVA, 2004: 79.

«informação transversal a toda a fase e, com a específica, de uma actividade ou função»⁴⁶. É aqui que se percebe como um jovem desempenhou tantas funções, estabeleceu relações com figuras do mundo científico do seu tempo (contámos 193 personalidades), aberto ao mundo da sua época, mesmo que vivendo apenas 25 anos (*vide* Anexo 2).

A biblioteca pessoal, constituída por livros, folhetos, separatas, e outros materiais, reunidos na sequencia de aquisições ou por ofertas de outras pessoas mas que tem por base uma escolha e seleção segundo o modelo sistémico, não é considerada uma coleção à parte e, como é explicado por Armando Malheiro da Silva, «um sistema de informação abarca este fenómeno, nas suas diversas manifestações temáticas, de registo tecnológico e de suporte material, não fazendo sentido nenhum separar ou agrupar, em unidades “sistémicas” distintas, a correspondência e outras series documentais de sucessivas gerações e os livros adquiridos e lidos por essas mesmas gerações». Ou seja, sempre que seja possível identificar o comprador/possuidor é possível inserir uma listagem no local certo do Quadro orgânico-funcional⁴⁷.

CONCLUSÃO

Defendemos não ser possível fazer uma reconstituição biográfica da figura de RSP sem seguir a perspectiva seguida neste trabalho, a de identificação sistemática da informação que chegou até nós, que o inseriu na família Serpa Pinto e, principalmente, no que estava para lá da vida estritamente académica. O que inicialmente defendemos, a necessidade de perceber como se construíram redes de investigação, influência, origem de colecções, só será possível se observarmos, sistematicamente, o percurso de um indivíduo. As biografias perdem-se na reconstituição avulsa, não localizam percursos, ignoram, tantas vezes, as relações e invalidam a recuperação, sistemática, da informação.

A breve biografia que aqui reconstituímos mostra as potencialidades de um perfil. Além de professor, tanto do ensino liceal como do ensino universitário, e em todos os cargos que ocupou ao longo da sua vida, encontrou tempo e entusiasmo para encontrar e procurar respostas a tudo o que a sua imensa curiosidade requeria. Por isso, colaborou com numerosos cientistas e investigadores, tanto nacionais como internacionais, de áreas científicas tão diversas como a Arqueologia, a Geologia e Meteorologia. Esta colaboração foi feita ao longo da sua curta vida, sempre de forma consistente e continuada, atendendo à sua correspondência.

Foi através de Mendes Correia que Rui Corrêa de Serpa Pinto iniciou a sua participação nos circuitos científicos portugueses e europeus, colaborando intimamente com o primeiro, o que pressupõe a necessidade de um estudo profundo da natureza e alcance das relações científicas, profissionais e pessoais, nada estudadas. Como arqueólogo e geólogo estabeleceu permutas de exemplares de peças arqueológicas e geológicas, quer com arqueólogos e geólogos portugueses, quer com europeus. As saídas de campo

⁴⁶ SILVA, 2004: 80.

⁴⁷ SILVA, 2004: 76.

mostram a ligação entre a observação e a reflexão, partilhando as dificuldades de interpretação com os mais diversos interlocutores.

A correspondência, agora organizada arquivisticamente, inventariada e cotada, merecerá, num futuro, que se deseja próximo, ser digitalizada. A sua leitura e tratamento documental permite fazer um balanço preliminar do seu conteúdo, por idiomas, países emissores/receptores, instituições emissoras/receptoras, personalidades e sítios arqueológicos, que poderá suscitar o interesse de quem venha a explorar as 1300 cartas. A maior parte encontra-se em língua portuguesa, existindo ainda documentos em castelhano, catalão, galego, inglês, italiano, alemão e francês. O vasto leque de relações científicas de Rui de Serpa Pinto é evidenciado pela diversidade de países representados: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Suíça, Alemanha, Turquia, Argélia, Bélgica, Tunísia, Roménia, Rússia e Brasil.

A correspondência trocada com indivíduos e instituições comprova a notoriedade de Rui Corrêa de Serpa Pinto a nível nacional e internacional (*vide* Anexo 2). Tal pode ver-se pelas cartas trocadas com membros do corpo docente de Universidades como a de Cambridge ou museus, como o *British Museum*, o *Victoria & Albert Museum*, o *Geological Survey and Museum*, o *National Museum of Wales Cardiff*, o *Ashmolean Museum* ou o *Museo Prehistorico* de Santander, com revistas da especialidade como a revista *Antiquity Journal*, editoras ou institutos como o *Instituto Español de Prehistoria* ou o *Institut International d'Anthropologie de Paris*.

A correspondência de foro pessoal, entre Rui Corrêa de Serpa Pinto e a sua esposa, Maria Alice Serpa Pinto, deixa os traços de um casal como qualquer outro, e permite esta visão sistémica que o paradigma adoptado defende – a leitura do todo, das múltiplas relações humanas. Afinal, a relação do homem com a natureza começa aqui, na infância, na família, alargando-se a outros horizontes.

Rui Serpa Pinto produziu muita mais informação e publicou grande parte dela, mas a correspondência foi algo que ficou no esquecimento. Por isso defendemos a importância da sua compreensão. Resta estudar, agora, a intensidade temática, o conteúdo destas cartas, cruzá-las com os materiais arqueológicos, as fotografias, as pinturas, a produção bibliográfica e outros elementos, para perceber a espessura das relações, as influências, a inquietação do homem frente ao que o envolve, afirmando o desejo de conhecimento, de partilha, de ultrapassar as limitações regionais, para lá das fronteiras...

ANEXO 1 – Quadro orgânico-funcional e levantamento biográfico da pessoa e família de Rui Serpa Pinto.

Secção SC 01 – Araújo de Serpa Pinto

Subsecção SSC 01.01 - António Araújo de Serpa Pinto; Júlia Adelaide das Graças Pereira Pinheiro

Subsecção SSC 01.02 – António Araújo de Serpa Pinto

Secção SC 02 – Pinheiro de Serpa Pinto

Subsecção SSC 02.01 – Hernâni Pinheiro de Serpa Pinto; Aurora Laurinda Basto Corrêa

Subsecção SSC 02.02 – Hernâni Pinheiro de Serpa Pinto

Subsecção SSC 02.03 – Aurora Laurinda Basto Corrêa

Subsecção SSC 02.04 – António Pinheiro de Serpa Pinto

Secção SC 03 – Corrêa de Serpa Pinto

Subsecção SSC 03.01 – Rui Corrêa de Serpa Pinto; Maria Alice da Rocha Leão Leite

Subsecção SSC 03.02 – Rui Corrêa de Serpa Pinto

Subsubsecção Fase 1: Infância/ Adolescência (1907-1923) 0-16 anos

Subsubsubsecção (a) Geral

Subsubsubsecção (b) Estudante

Subsubsecção Fase 2: Juventude (1923-1930) 16-23 anos

Subsubsubsecção (a) Geral

Subsubsubsecção (b) Estudante: Licenciatura de Matemática Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1923-1927)

Subsubsubsecção (c) Membro do Congresso em Salamanca

Subsubsubsecção (d) Colaborador/Investigador no Instituto de Antropologia-Secção Arqueologia

Subsubsubsecção (e) Estudante: Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (1927-1930)

Subsubsubsecção (f) Membro da Confraria de Nossa Senhora da Piedade em Santo Ildefonso

Subsubsubsecção (g) Membro da Confraria do Santíssimo Sacramento e Senhor Jesus

Subsubsubsecção (h) Vice-Presidente da Juventude Católica

Subsubsubsecção (i) Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Subsubsubsecção (j) Membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE)

Subsubsubsecção (k) Membro do Instituto Histórico do Minho

Subsubsubsecção (l) Membro do Seminário de Estudos Galegos (SEG)

Subsubsubsecção (m) Membro do Institut International d'Anthropologie de Paris

Subsubsubsecção (n) Membro do Club Portuense

Subsubsubsecção (o) Membro do Club de Leça

Subsubsubsecção (p) Membro do Sport Club do Porto

Subsubsubsecção (q) Membro do Grupo dos Amigos do Museu Municipal do Porto

Subsubsecção Fase 3: Adulto (1930-1933) 23-25 anos

Subsubsubsecção (a) Geral

Subsubsubsubsecção (a.1) Secretário de Redação "O Tripeiro"

Subsubsubsecção (b) Professor Secundário

Subsubsubsubsecção (b.1) Fundador/Diretor do Colégio Brotero

Subsubsubsecção (c) Professor Universitário e Investigador

Subsubsubsubsecção (c.1) Assistente do Grupo de Ciências Geológicas da Faculdade de Ciências na Universidade do Porto

Subsubsubsubsecção (c.2) Representante de Portugal na Comissão da União Geográfica Internacional para a elaboração da Carta do Império Romano

Subsubsubsubsecção (c.3) Colaborador do Serviço Geológico de Portugal

Subsubsubsubsecção (c.4) Colaborador da Sociedade de Meteorologia e Geofísica

Subsubsubsubsecção (c.5) Membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Musicólogos, Científicos e Artísticos
Subsubsubsubsecção (c.6) Colaborador do Grupo de Alcaldes de Faria
Subsubsubsubsecção (c.7) Membro da Sociedade Francesa de Mineralogia
Subsubsubsubsecção (c.8) Membro da Sociedade Société Belge d'etudes et d'expansion
Subsubsubsecção (d) Engenheiro Civil
Subsubsubsubsecção (d.1) Membro/fundador da Sociedade Engenheiros Reunidos
Subsubsubsecção (e) Desenhador
Subsecção SSC 03.03 – Maria Alice da Rocha Leão Leite
Subsecção SSC 03.04 – Mara Regina Corrêa de Serpa Pinto

ANEXO 2 – Lista de Correspondentes com Rui Serpa Pinto.

NOME DO CORRESPONDENTE	N.º DE CARTAS
AGUIAR, José Monteiro de	9
ALBERTINI, Eugene	2
ALVES, Francisco Manuel – Reitor de Baçal	7
ALEXANDRE, Amadeu	1
AMARAL, João	1
AMARAL, Ricardo	1
ANDRADE, Carlos Freire de	4
ANTUNES, Lerenó	22
BARBOSA, Joaquim Ferreira	1
BARLORE, Monteyrus de	1
BARRADAS, J. Perez	7
BARRADAS, Lerenó Antunes	1
BARROS, José Correia de	2
BASTIN, Alfred	2
BASTO, A. Magalhães	15
BASTOS, Carlos	1
BASTOS, Cláudio	3
BATTAGLIA, Raffaello	1
BLANCHET, Adrien	2
BOLÉO, J. d'Oliva	4
BOUY, António	1
BRAGA, A. Vieira	49
BRENHA, José	14
BREY, Bouza	14
BRIAND	1
BULMAN, O. M. B.	1
BURGUBURU, Paul	1
BURKITT	2
CAGNAT, R.	3

CAMPOS, Luís da Silva	3
CAMPOS, Raul Vieira de	12
CARBALLO, Jesus	3
CARDOSO, Mário	43
CARVALHO, A. J. Torres de	5
CASAL, A.	3
CASTILLO, Angel del	14
CASTRO, Gaspar	1
CHAUVET, Gustave	1
CHEVKE	2
CLIFFORD, Elsie	1
COELHO, António da Motta	1
COELHO, José	4
COHEN, Arthur	20
CORREA, A. A. Mendes	62
CORREIA, Joaquim Manoel	1
CORREIA, Vergílio	16
CORTÉS, Fernando Consell	1
COSTA, Américo	20
COSTAS, Manuel Fernandez	2
COUPLAND, George	1
COUTINHO, Gago	1
CRAWFORD, O. G. S.	3
CUNHA, Armando	2
CUNHA, Gonçalves da	1
DAUGINI, F. Mureau	1
DAVIDSON, Jessie C.	1
DELATHE, Peri	1
DELLEUBACH	2
DIAS, António Alcântara de Mendonça	2
DIAS, António Joaquim	1
DIAS, Jaime Lopes	3
DIAZ, Eduardo	1
DOUTAIN, J.	1
DUMITRESCO, Vladimir	1
FERRANT, Alejandro	1
FISCHER, Henri	1
FONTES, Joaquim	16
FRADE, Fernando	3
GIMPERA, Bosch	1
GIRÃO, A. Amorim	2
GOMEZ, Nicolás Primitivo	5
GONÇALVES, A. Augusto	1

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO, ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DE ARQUIVOS
DE CIENTISTAS PARA A HISTÓRIA DO AMBIENTE - O ARQUIVO RUI SERPA PINTO
DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO

GONÇALVES, José Freitas	1
GONÇALVES, Manuel J. de Castro	1
GUERRA, Luiz de Figueiredo da	1
HAMAENAEDES, J-	1
HARKER, Alfred	1
HELENO, Manuel	11
HENRIQUES, J. M. dos Passos	1
HENRIQUES, Júlio	1
JALHAY, Eugénio	75
LACROIX, A.	8
LAUTENSACH, Herman	2
LEÇA, Armando	3
LEITE, José	1
LEMOS, J.	2
LHUER, N.	1
LIMA, Américo Pires de	2
LIMA, Joaquim Alberto Pires de	6
LOPES, António Machado	1
LOPES, David	4
LOPES, Joaquim	1
LOPEZ, Julian	6
LOUÇÃO, João Luís Lourenço	3
LUGLI, Giuseppe	1
LUIGI, Luger	1
LUISIER, R. P. Alphonse	6
MACHADO, Armando	1
MACHADO, I. Viana	1
MAGRINI, Giovanni	
MAIA, Manuel Domingues de Sousa	11
MATTOS, A. De	15
MARIN, Louis	1
MAYA, Altino de Costa	3
MAYNARD, G.	3
MEIRA, Alberto	26
MÉLIDA, J. Ramón	7
MERLIN, Alfred	2
MESTCHERSKY, Prince Pierre	1
MIRANDA, Raul de	19
MOIR, Reid	4
MONHEID, Ch.	1
MOWBRAY, Cecil	1
NEUMANN, P. Navarro	1
NOGUEIRA, R. de Sá	2

NOVÁS, Gonzalo Gallas	1
NOVOA, Francisco	1
OBERMAIER, Hugo	1
OCTOBON, Commandant	1
OLIVEIRA, Carlos	2
OSSORIO, F. Alvarez	3
PACHECO, E. Hernandez	4
PAÇO, Tenente Afonso	60
PALMA, P.	1
PAN, Ismael	8
PASCUAL, Jose	1
PASSEMARD, E.	1
PASSOS, Carlos de	12
PEBORGH, Jean van	1
PEREIRA, Felix A.	8
PEREZ, Damião	1
PERICOT, Luis	2
PERONET, Luis	2
PESSOA, A.	4
PIGGOTT, Stuart	1
PIMENTA, Alfredo	1
PINA, José de	1
PINA, Luiz de	7
PINHO, Alexandre	2
PINHO, José Alves	20
PINTO, António Pinheiro Serpa	8
PINTO, Aurora Serpa	3
PINTO, Maria Alice Serpa	12
PINTO, Maria Regina Corrêa de Serpa	3
PONDAL, Isidro Parga	5
PRADENNE, André Vayson de	2
PRESTAGE, Edgar	5
RAFOLS, Serra	1
RAPOSO, Hipólito	1
REINACH, S.	1
REYGASSE, Maurice	1
RÉGIO, José	1
RELLINI, Ugo	4
RIBEIRO, Emanuel	2
RIVEIRAS	1
RIVERO, Casto M.º del	1
RODRIGUES, Adriano	4
ROSEIRA, Abílio da	11

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO, ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DE ARQUIVOS
DE CIENTISTAS PARA A HISTÓRIA DO AMBIENTE - O ARQUIVO RUI SERPA PINTO
DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE DO PORTO

RUSSEL, H. de Serra	1
SAMPAIO, José de Mancelos	2
SANCHES, Tito de Sousa	1
SANTA-OLALLA, J. Martinez	1
SANTOS JÚNIOR, J. R.	22
SANTOS, António Lúcio dos	1
SANTOS, Atanagilde Teixeira	1
SATURNINO, Óscar	2
SCHLEICHER, Ch.	1
SCHULTEN, A.	7
SCHUTEN, Herman	1
SEILER, W.	2
SELLA, Conde de la Vega del	5
SERRANO, Antonio	2
SIERRA, Lorenzo	3
SMITH, W. Campbell	1
SOUTO, Alberto	14
TÁBOAS, Vicente de Vicente	1
TARACENA, Blas	14
TARAMELLI, Antonio	1
TARMONDE, Cesar	1
TEIXEIRA, F. Gomes	2
TEIXEIRA, Raul	7
TIYOS, Miguel Ti	1
TOMAZ, A. D. Rodriguez	2
VALVERDE, José Filgueira	1
VENDRICK, J. D.	1
VERÍSSIMO, Adelino A.	3
VIANA, Abel	7
VIANA, Tomas Simões	23
VILLA, R. Candel	1
VILLAR, E. H. del	4
VITORINO, Pedro	13
VULPE, Radu	1
WELSH, Joyen	1
WICKERT, Lothar	4

ANEXO 3 – Imagens.



Rui Serpa Pinto (1907-1933)



Lado Esquerdo do Armário



Lado Direito do Armário

BIBLIOGRAFIA

- Anais Da Faculdade De Ciências Do Porto* (1933). Vol. 18. N.º 1. Porto: Imprensa Portuguesa.
- ARMIERO, Marco; GRAF VON HARDENBERG, Wilko; NICOLESCU, Valentin Quintus (2011) – *State of Nature*. In *2nd International Workshop of the NATURE AND NATION Network*. Bucharest, 2-4 December 2011. Disponível em <http://www.natureandnation.eu/wp-content/uploads/Proceedings_Stateof-Nature_Workshop.pdf>. [Consulta realizada em 12/1/ 2016].
- BOWLER, Peter J. (1992) – *The Fontana History of the Environmental Sciences*. London: Fontana Press.
- BRIGOLA, João Carlos Pires (2003) – *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- CUNHA, Maria José (2012) – *As Coleções de Arqueologia e Antropologia do Museu de História Natural da Universidade do Porto*. In ASENSIO; LIRA; ASENJO; CASTRO, ed. – *SIAM. Series Iberoamericanas de Museología*. Vol. 6, p. 153-162. Disponível em <https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11577/57376_13.pdf?sequence=1>. [Consulta realizada em 01/02/2015].
- DELICADO, Ana (2006) – *Os Museus e a Promoção da Cultura Científica em Portugal*. «Sociologia, Problemas e Práticas», n.º 51, p. 53-72.
- DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe (2008) – *Pour un changement d'échelle historiographique*. In TESTOT, Laurent, ed. – *Histoire Globale. Un nouveau regard sur le monde*. Auxerre: Sciences Humaines.
- GONÇALVES, António A. Huet B. (1983) – *Rui de Serpa Pinto – O Homem e a Obra*. «Portugália volume V/V Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Homenagem a Rui Serpa Pinto. Porto, 10-12 de Novembro de 1983». Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GONZÁLEZ BUENO, Antonio; BARATAS DÍAZ, Alfredo (2013a) – *Los templos de Natura. Guía de las colecciones españolas de Historia Natural*. In GONZÁLEZ BUENO, Antonio; BARATAS DÍAZ, Alfredo, ed. – *Museos y colecciones de Historia Natural. Investigación, educación y difusión*. Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural. Segunda época, Tomo XI, año 2013, p. 137-422.
- ____ (2013b) – *Museos y colecciones de Historia Natural. Investigación, educación y difusión*. Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural. Segunda época, Tomo XI.
- HUGHES, J. Donald (2006) – *What is environmental History*. Cambridge/Malden: Polity Press.
- KOKOWSKI, M. (2010) – *The Different Strategies in Historiography of Science. Tensions between Professional Research and Postmodern Ignorance*. In ROCA-ROSELL, Antoni, ed. – *The Circulation of Science and Technology*. Proceedings of the 4th International Conference of the European Society of History of Science. Barcelona, 18-20 November 2010, Societat Catalana d'Història de la Ciència i de la Tècnica.
- LUCAS, A.M.; LUCAS, P.J. (2014) – *Natural history "collectors": exploring the ambiguities*. «Archives of natural history». 41.1: 63-74.
- MARTINS, Ana Cristina (2011) – *Mendes Correia 1888-1960. Entre ciência, a docência e a política*. Lisboa: ACD editores.
- MEYRAN, Régis (2008) – *Points de repère. Les sources de l'histoire globale*. In TESTOT, Laurent, edit. – *Histoire Globale. Un nouveau regard sur le monde*. Auxerre: Sciences Humaines Éditions.
- NRIAGU, Jerome O. (1997) – *The unique earth*. In OSLOS, D. Brune, ed. – *The global environment. Science, Technology and Management*. Weinheim Scandinavian Science Publ./VCH, 1.º vol.
- NÓVOA, Rita Sampaio da; ROSA, Maria de Lurdes (2014) – *Arquivos de família: memórias habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. Lisboa: IEM-Instituto de Estudos Medievais.
- NUNES, Maria de Fátima; CUNHA, Norberto (2005) – *Imagens da ciência em Portugal, séc. XVIII-XX*. Lisboa – Casal de Cambra: Ed. Caleidoscópio.
- NUNES, João Arriscado; GONÇALVES, Maria Eduarda, orgs. (2001) – *Enteados de Galileu. A semiperiferia no Sistema Mundial da Ciência*. Porto: Afrontamento.
- RADKAU, Joachim (2013) – *Exceptionalism in European Environmental History*. In McNEILL, J.R.; ROE, ALAN, ed. – *Global Environmental History. An Introductory Reader*. Oxon.

- REDE DE INVESTIGAÇÃO STEP – *Science and technology in the European periphery*. Disponível em <<http://147.156.155.104>>. [Consulta realizada em 1/01/2016].
- RIBEIRO, Fernanda; FERNANDES, Maria Eugénia Matos; REIMÃO, Rute (2001) – *Universidade do Porto – Estudo Orgânico-Funcional: modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo*. Porto: Reitoria da Universidade.
- ROBIN, Libby; SÖRLIN, Sverker; WARDE, Paul (2013) – *The Future of Nature*. New Haven and London: Yale University Press.
- RODRIGUES, Liliana (2015) – *O Arquivo Serpa Pinto, da Universidade do Porto – Um seguro contra o esquecimento*. Tese de mestrado em História e Património – Ramo Arquivos Históricos. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. 490 pp.
- ROLLO, Fernanda; NUNES, Maria de Fátima, *et alii*, coord. (2014) – *Espaços e Actores da Ciência em Portugal (XVIII-XX)*. [Lisboa], Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- SANTOS JUNIOR, J. R. (1963) – *Museus da Faculdade de Ciências*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- SERRA, Isabel; MAIA, Elisa (2006) – *A rota dos cientistas*. In PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor, ed. – *Rotas da Natureza. Cientistas, viagens, expedições e instituições*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 257-265.
- SILVA, Armando Malheiro da (1997) – *Arquivos de Família e Pessoais – Bases Teórico – metodológicas para uma abordagem científica*. In *Seminário sobre Arquivos de família e pessoais*. Vila Real: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), Grupo de Trabalho de Arquivos de Família e Pessoais.
- ____ (2004) – *Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo*. «Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património». [Em linha]. I Série, vol. 3. Disponível em <[URL:http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf)>. [Consulta realizada em 14/12/2014].
- WORSTER, Donald (1977) – *Nature's economy. A history of ecological ideas*, 1.ª ed. Cambridge: Cambridge University Press.

FONTES MANUSCRITAS

Documentos pertencentes ao Sistema Serpa Pinto, Arquivo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Edifício da Reitoria da Universidade do Porto.

ARSP – *Cartas de Antoine Lacroix para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSPS-C03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-fr01/09/22;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-fr01/09/23;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-fr01/09/27;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-fr01/09/28;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-fr01/09/31.

ARSP – *Cartas de Isidro Parga Pondal para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-esp03/14/46;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-esp03/14/47.

ARSP – *Carta de Alfred Bastin para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSPSC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)-fr01/03/456.

ARSP – *Carta do Conde de la Vega del Sella para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC03.02.02(d)-esp03/16/559.

ARSP – *Carta de Reid Moir para Rui Serpa Pinto*. Código de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC 03.02.02(d)-ing02/04/482;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.01-SSSC 03.02.02(d)-ing02/04/489.

ARSP – *Cartas de Raul Miranda para Rui Serpa Pinto*. Códigos de Referência:

PT/FCUPMHN/ARSPSC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/15;

PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/16;
PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/17;
PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/19;
PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/20;
PT/FCUPMHN/ARSP-SC03-SSC03.02-SSSC03.02.03-SSSSC03.02.03(c.1)-pt02/16/21.

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

- António Augusto Esteves Mendes Correia*. In ANTIGOS ESTUDANTES ILUSTRES DA UNIVERSIDADE DO PORTO. Disponível em <http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1004189>. [Consulta realizada em 14/01/2015].
- Arquivo da Universidade do Porto (AUP) – Edifício da Reitoria da Universidade do Porto – *Livro de Registos das inscrições e exames na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10405/31366>>. [Consulta realizada em 06/11/ 2014].
- EDIFÍCIO DA REITORIA – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL. Disponível em <http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1006718> [Consulta realizada em 13/01/ 2014].
- Regulamento do Museu de História Natural da Universidade do Porto* (2011). Disponível em <http://sigarra.up.pt/fcup/pt/conteudos_geral.ver?pct_pag_id=1019988&pct_parametros=p_pagina=1019988&pct_grupo=35623#35623>. [Consulta realizada em 13/01/ 2014].

